**Introdução**

Brasil é um país de imigrantes e aqueles oriundos do continente asiático têm sido uma parte importante na história nacional. O seu início ocorreu no período colonial[[1]](#footnote-1) mas no ano 1907, o governo do São Paulo autorizou a imigração do Japão que eventualmente criaria a maior comunidade japonesa fora do Japão. Hoje em dia, os japoneses formam a segunda maior comunidade imigrante no território brasileiro e a chinesa a nona.[[2]](#footnote-2) Em 2010, mais de dois milhões de Brasileiros se declaravam amarelos, a maior parte descendentes de imigrantes do Japão, e esse grupo está crescendo mais rápido do que os outros grupos étnicos. Na sociedade brasileira, desde 1947 a presença de políticos relevantes de ascendência japonesa é uma constante.[[3]](#footnote-3)

Raça é uma parte importante da identidade individual e a sua relação com a política é, obviamente, bastante íntima. Apesar disso, poucos são os estudos que têm se debruçado especificamente sobre esse grupo de imigrantes asiáticos, principalmente na ciência política brasileira ou sobre o Brasil. Estudos sobre questões raciais são quase exclusivamente dedicadas as relações entre negros, pardos e brancos e discutem temas sociais como cotas, violência do estado e pobreza. Desde o começo dos estudos sobre raça no Brasil, Costa Pinto excluiu a categoria “amarelos” da classificação “de cor” em seus trabalhos[[4]](#footnote-4)[[5]](#footnote-5), criando um sistema binário no qual esse grupo teria uma posição ambígua, nem completamente branco, nem completamente “de cor.” Na história, discussões públicas sobre japoneses frequentemente incluem grupos aparentemente diferentes como os judeus e árabes, excluídos do sistema negro e branco que domina os estudos de raça.[[6]](#footnote-6) Durante o período antes da segunda guerra mundial, a identidade nacional brasileira mudou bastante e esses grupos ambíguos desafiam noções sobre identidade brasileira da elite. O sucesso político, social, e econômico desses grupos lhes deu vantagens para negociar a sua posição social no Brasil e os integrou no sistema negro e branco nessa última categoria. [[7]](#footnote-7)

Artigos acadêmicos sobre nipo-brasileiros publicados no Brasil têm se dedicado a imigração entre Japão e Brasil e, mais recentemente, ao fenômeno dos Dekasseguês.[[8]](#footnote-8)[[9]](#footnote-9) Questões sobre identidade também ganharam destaque, principalmente nos estudos literários. Nos EUA a literatura tem enfocado questões parecidas, mas o seu volume é um pouco maior. No campo dos valores e atitudes políticas, sabe-se já que Estadunidenses de ascendência asiática se identificam predominantemente com o partido democrático[[10]](#footnote-10) por razões como exclusão social e semelhança intergrupal.

Imigração no mundo está crescendo por causas diversas como globalização e desenvolvimento econômico. Na Europa, o colonialismo deixou um legado desde a África até o Oriente Médio e os EUA. Nos EUA, há bastante imigração de origem asiática e uma grande minoria de negros e latinos. O Brasil recebeu 128 mil imigrantes por ano entre 2008 e 2013[[11]](#footnote-11) de vários países desenvolvimento, como Haiti e Bolívia. A imigração chinesa aumentou muito por conta da reforma e abertura da China, bem como dos seus vínculos econômicos com o Brasil. Isso levou ao aumento do interesse sobre o efeito das minorias nas democracias ocidentais e a cultura política das comunidades de imigrantes. Pelo fato de imigrantes frequentemente terem uma identidade racial diferente da maioria nos países onde eles chegam, o seu comportamento político vai continuar a ser relevante. Raça e questões sobre a integração dos imigrantes e outras minorias vão continuar sendo um assunto controverso. Nos EUA existem evidências de que raça, e não a economia, foi a questão mais importante dos eleitores de Donald Trump na eleição do 2016.[[12]](#footnote-12)[[13]](#footnote-13)

Apesar de tudo isso, desde a obra pioneira de Almond e Verba, pesquisas sobre raça e cultura política são escassas, sendo ainda mais raros trabalhos envolvendo asiáticos. Procurando colaborar para a superação dessa lacuna nos estudos sobre este tema, neste artigo analisamos a cultura política dos brasileiros de ascendência oriental a partir de dois eixos: a orientação cognitiva para a política e a confiança institucional. Usamos dados coletados pelo Latin American Public Opinion Project (LAPOP) para propor índices representativos destes dois eixos, usados como variáveis dependentes em modelos de regressão com preditores sociodemográficos, incluindo o componente racial. Nossa intenção foi verificar se a condição de descendente asiático de alguma forma afeta as disposições subjetivas dos cidadãos nacionais a respeito de temas e objetos políticos relevantes.

Para alcançar esse objetivo, dividimos o presente artigo em três partes. Nós começamos com a abordagem teórica e uma revisão da literatura. Na segunda parte apresentamos a metodologia utilizada para a construção dos índices e os modelos de regressão já mencionados. Por fim, na terceira parte apresentamos os resultados e uma discussão sobre os resultados.

**Abordagem Teórica**

Raça e política são ligadas intimamente e grupo étnico é uma das caraterísticas mais proeminentes e não mudáveis de uma pessoa. Em sociedades onde não existem impedimentos formais associados com raça, o racismo ainda permeia a vida política e constitui uma lente mediante a qual uma pessoa olha e é olhada no mundo.[[14]](#footnote-14)

O grupo étnico forma uma consciência coletiva importante e seus membros normalmente têm experiências compartilhadas.[[15]](#footnote-15)[[16]](#footnote-16) Uma parte significativa desse compartilhamento envolve percepções do grupo sobre a sociedade em geral e os seus interesses políticos em especifico. Organizações que lutam pelos diretos das minorias são instituições importantes nas democracias ocidentais e fatores como classe socioeconômica, distribuição geográfica[[17]](#footnote-17), normas do grupo e experiências de discriminação afetam a relação entre raça e política.[[18]](#footnote-18)

Fatores que afetam a construção de uma identidade grupo incluem experiências de discriminação, status socioeconômico, distribuição geográfica e participação em associações voluntarias relacionadas com o grupo ético. Experiências de discriminação e percepções de oportunidades iguais numa sociedade são importantes para construir uma forte identidade de grupo. Pessoas de um grupo étnico que acreditam sofrer discriminação, são mais prováveis a apoiar um partido que tem uma tradição de defender direitos de minorias.[[19]](#footnote-19) Porém, experiências pessoais de descriminação motivam indivíduos a castigar o partido no poder, mesmo se ele possuir uma tradição de defender minorias. [[20]](#footnote-20) Status socioeconômico é particularmente importante porque os recursos facilitam a participação política e podem ter um efeito moderador. [[21]](#footnote-21)[[22]](#footnote-22) Isto ocorre porque quanto mais central é a posição social, menor é o seu apoio para questões de interesse do grupo.[[23]](#footnote-23) O tamanho da população é um preditor consistente da atividade política de grupos minoritários.[[24]](#footnote-24) Estudos em diversos países demostram que distribuição geográfica aumenta o nível da atividade política das minorias.[[25]](#footnote-25) No Reino Unido, quando a proporção de um grupo étnico aumenta em um bairro, a probabilidade de seus membros votarem aumenta. Estudos sobre os efeitos da participação em associações voluntárias podem aumentar o envolvimento político, porque desenvolve habilidades cívicas que facilitam o engajamento e mobilizam os indivíduos, mas condicionadas ao tipo de associação.[[26]](#footnote-26)

Fatores que dificultam a formação de uma identidade coletiva forte incluem a distribuição geográfica, a capacidade de envergonhar desertores, o nível de integração na sociedade, e status socioeconômico. Quando um grupo pequeno é distribuído sobre uma área grande, a formação de identidade no grupo é dificultada.[[27]](#footnote-27) Se o grupo étnico tem normas fortes e a capacidade de sancionar, individuais têm que considerar os custos de divergir das normas do grupo. Quando a capacidade de envergonhar é fraca, indivíduos sentem mais liberdade ao perseguir seus interesses próprios quando eles divergem do grupo.[[28]](#footnote-28) O nível de integração na sociedade e o status socioeconômico têm uma interação interessante. Quando o grupo não é bem integrado na sociedade e sofre preconceitos, verdadeiros ou percebidos, status socioeconômico alto não enfraquece a unidade do grupo e o grupo étnico continua a ser importante para o processo de tomada de decisões dos individuais. Quando o grupo não sofre preconceitos, o status socioeconômico enfraquece o apoio para os interesses do grupo.

**Hipóteses**

A secção seguinte é um resumo dos fatores, às vezes, contraditórios que afetam os dois eixos que essa pesquisa pretende examinar em relação a comunidade nipo-brasileira. No Brasil, este grupo geralmente é composto por pessoas de classe social mais elevada.[[29]](#footnote-29) No geral, individuais que têm menos recursos socioeconômicos ou de educação têm níveis de confiança institucional menores.[[30]](#footnote-30) Mesmo a população dos nipo-brasileiros sendo menor em relação aos outros grupos étnicos, compondo pouco mais de 1% da população nacional. Essa população pequena diminui os benefícios de racismo institucional contra orientais. Nipo-brasileiros sofrem menos preconceito em comparação com outros grupos minoritários porque o custo de manter um regime de racismo institucional é maior do que os benefícios de não descriminar.[[31]](#footnote-31) Quando uma minoria obtém níveis altos de um recurso de classe escasso, neste caso educação[[32]](#footnote-32), o preconceito no mercado de trabalho pode ser diminuído. Para derivar os benefícios da supremacia branca no longo prazo, empregadores e empregados brancos têm que manter uma frente unida de preconceito. Como os nipo-brasileiros são um grupo proporcionalmente pequeno no Brasil, indivíduos brancos desertam de manter a frente unida para obter os benefícios no curto prazo de contratar e transacionar com membros desse grupo.[[33]](#footnote-33) Esses fatores sugerem que nipo-brasileiros teriam uma consciência política mais fraca e mais confiança nas instituições em relação aos outros grupos.

Por outro lado, nipo-brasileiros são concentrados no sul e sudeste e os estados de São Paulo e Paraná possuem mais que 90% dessa população. Essa concentração geográfica predicaria mais participação política. As comunidades japonesas têm uma forte tradição de participação em associações voluntarias de caráter cultural e esportivo. Escolas japonesas existem desde o primeiro período de imigração japonesa.[[34]](#footnote-34) Durante a segunda guerra mundial as comunidades japonesas foram perseguidas e havia proibição de ensinar ou falar o idioma de países do eixo. Músicas populares nessa época continuam versos anti japoneses e muitas destas escolas foram fechadas. Porém, depois da guerra muitas escolas reabriram, representando a força da comunidade.[[35]](#footnote-35) Nos estudos sobre dekasseguês, eles frequentemente citam experiencias de descriminação e um anseio por identidades como razões em porque eles saem do Brasil.[[36]](#footnote-36)

A confluência desses fatores coloca as questões acerca da orientação cognitiva para a política e confiança institucional que essa pesquisa pretende investigar. De um lado temos fatores como concentração geográfica e uma tradição em participação em associações voluntárias que favorecem a participação política forte e menos confiança institucional. De outro temos fatores como classe socioeconômica alta e uma população pequena que teoricamente enfraquece participação política. Cabe então a pergunta: qual grupo de fatores dominam do outro?

Notes below:

We agree with this paper yay: Primary differentiator between Asian and White Brazilians is education.[[37]](#footnote-37)

1. East in the West: Investigating the Asian presence and influence in Brazil from the 16th to 18th centuries. By Clifford Pereira, in Proceedings of the 2nd Asia-Pacific regional Conference on Underwater Cultural Heritage. Ed. Hans Van Tilberg, Sila Tripati, Veronica Walker, Brian Fahy and Jun Kimura. Honolulu, Hawai'i, USA. May 2014. [↑](#footnote-ref-1)
2. Shari Wejsa e Jeffery Lesser. Migration in Brazil: The Making of a Multicultural Society. Rel.

   téc. Migration Policy Institute, 2018. [↑](#footnote-ref-2)
3. Célia Sakurai. Os Primeiros Políticos de Origem Japonesa do Brasil. Rel. téc. Assembleia

   Legislativa, . [↑](#footnote-ref-3)
4. Peter Fry. The politics of racial classification in Brazil. Em: Journal de la Société

   des Américanistes 95.95-2 (2009), pp. 261\_282 [↑](#footnote-ref-4)
5. « Raça e mobilidade social », in Carlos Hasenbalg and Nelson do Valle Silva (eds), Estmtura social, 111obilidade e raça, pp. 164-182, IUPERJ/ Vertice, Rio de Janeiro [1985]. [↑](#footnote-ref-5)
6. **Negotiating National Identity: Middle Eastern and**

   **Asian Immigrants and the Struggle for Ethnicity in**

   **Brazil**

   By Jeffrey Lesser [↑](#footnote-ref-6)
7. **Negotiating National Identity: Middle Eastern and**

   **Asian Immigrants and the Struggle for Ethnicity in**

   **Brazil**

   By Jeffrey Lesser [↑](#footnote-ref-7)
8. Takeyuki Gaku Tsuda. Japanese-Brazilian ethnic return migration and the making of Japan's

   newest immigrant minority\_. Em: Japan's Minorities. Routledge, 2003, pp. 228\_249. [↑](#footnote-ref-8)
9. Japanese-Brazilians and the Future of Brazilian Migration to Japan David McKenzie\* and Alejandrina Salcedo\*\* [↑](#footnote-ref-9)
10. Alexander Kuo, Neil Malhotra e Cecilia Mo. \_Why Do Asian Americans Identify as Democrats?

    Testing Theories of Social Exclusion and Intergroup Solidarity\_. Em: (2014 [↑](#footnote-ref-10)
11. https://www.economist.com/the-americas/2015/11/14/no-golden-door [↑](#footnote-ref-11)
12. Diana C Mutz. \_Status threat, not economic hardship, explains the 2016 presidential vote\_.

    Em: Proceedings of the National Academy of Sciences (2018), p. 201718155. [↑](#footnote-ref-12)
13. Ryan Pougiales e Lange Erickson. Which Voters Will Be The Deciders of 2020? Rel. téc.

    Third Way, 2018. [↑](#footnote-ref-13)
14. **A Raça na construção de uma identidade política:**

    **alguns conceitos preliminares** Johanna Katiuska Monagreda2 [↑](#footnote-ref-14)
15. Jóhanna Krist\_n Birnir. Ethnicity and electoral politics. Cambridge University Press, 2006 [↑](#footnote-ref-15)
16. Kanchan Chandra. \_What is ethnic identity and does it matter?\_ Em: Annu. Rev. Polit. Sci.

    9 (2006), pp. 397\_424. [↑](#footnote-ref-16)
17. Matthew R Cleary. \_Democracy and indigenous rebellion in Latin America\_. Em: Comparative

    Political Studies 33.9 (2000), pp. 1123\_1153. [↑](#footnote-ref-17)
18. Dennis Chong e Dukhong Kim. \_The experiences and e\_ects of economic status among racial

    and ethnic minorities\_. Em: American Political Science Review 100.3 (2006), pp. 335\_351. [↑](#footnote-ref-18)
19. David Sanders et al. \_The Calculus of Ethnic Minority Voting in B ritain\_. Em: Political

    Studies 62.2 (2014), pp. 230\_251. [↑](#footnote-ref-19)
20. David Sanders et al. \_The Calculus of Ethnic Minority Voting in B ritain\_. Em: Political

    Studies 62.2 (2014), pp. 230\_251. [↑](#footnote-ref-20)
21. Natália Salgado Bueno e Fabr\_cio Mendes Fialho. \_Race, resources, and political participation

    in a Brazilian city\_. Em: Latin American Research Review (2009), pp. 59\_83. [↑](#footnote-ref-21)
22. Sidney Verba et al. \_Race, ethnicity and political resources: Participation in the United States

    \_. Em: British Journal of Political Science 23.4 (1993), pp. 453\_497. [↑](#footnote-ref-22)
23. Dennis Chong e Dukhong Kim. \_The experiences and e\_ects of economic status among racial

    and ethnic minorities\_. Em: American Political Science Review 100.3 (2006), pp. 335\_351. [↑](#footnote-ref-23)
24. Aida Just. \_Race, ethnicity, and political behavior\_. Em: Oxford Research Encyclopedia of

    Politics. 2017. [↑](#footnote-ref-24)
25. Matthew R Cleary. \_Democracy and indigenous rebellion in Latin America\_. Em: Comparative

    Political Studies 33.9 (2000), pp. 1123\_1153. [↑](#footnote-ref-25)
26. Per Strömblad e Per Adman. \_Political integration through ethnic or nonethnic voluntary

    associations?\_ Em: Political Research Quarterly 63.4 (2010), pp. 721\_730. [↑](#footnote-ref-26)
27. Matthew R Cleary. \_Democracy and indigenous rebellion in Latin America\_. Em: Comparative

    Political Studies 33.9 (2000), pp. 1123\_1153. [↑](#footnote-ref-27)
28. White, I. K., Laird, C. N., & Allen, T. D. (2014). Selling out? The politics of navigating

    conflicts between racial group interest and self-interest. *American Political Science*

    *Review*, *108*(4), 783–800. [↑](#footnote-ref-28)
29. Carlos Grad\_n. \_Race and Income Distribution: Evidence from the USA, Brazil and South A

    frica\_. Em: Review of Development Economics 18.1 (2014), pp. 73\_92. [↑](#footnote-ref-29)
30. Schoon, I., & Cheng, H. (2011). Determinants of political trust: A lifetime learning model. Developmental Psychology, 47(3), 619–631. [https://doi.org/10.1037/a0021817](https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0021817) [↑](#footnote-ref-30)
31. Socioeconomic Attainments of Japanese Brazilians and Japanese Americans Alexandre Gori Maia1 , Arthur Sakamoto2 , and Sharron Xuanren Wang2 [↑](#footnote-ref-31)
32. Socioeconomic Attainments of Japanese Brazilians and Japanese Americans Alexandre Gori Maia1 , Arthur Sakamoto2 , and Sharron Xuanren Wang2 [↑](#footnote-ref-32)
33. Socioeconomic Attainments of Japanese Brazilians and Japanese Americans Alexandre Gori Maia1 , Arthur Sakamoto2 , and Sharron Xuanren Wang2 [↑](#footnote-ref-33)
34. Goto, Junichi ([Kyoto University](https://en.wikipedia.org/wiki/Kyoto_University" \o "Kyoto University)). *Latin Americans of Japanese Origin (Nikkeijin) Working in Japan: A Survey*. [World Bank Publications](https://en.wikipedia.org/wiki/World_Bank_Publications" \o "World Bank Publications), 2007. p. [7](https://books.google.com/books?id=vTzUFpa10z0C&pg=PA7)-[8](https://books.google.com/books?id=vTzUFpa10z0C&pg=PA8). [↑](#footnote-ref-34)
35. Carvalho, Daniela de. *Migrants and Identity in Japan and Brazil: The Nikkeijin*. [Routledge](https://en.wikipedia.org/wiki/Routledge" \o "Routledge), August 27, 2003. [ISBN](https://en.wikipedia.org/wiki/International_Standard_Book_Number" \o "International Standard Book Number) [1135787654](https://en.wikipedia.org/wiki/Special:BookSources/1135787654" \o "Special:BookSources/1135787654), 9781135787653. [↑](#footnote-ref-35)
36. **Negotiating National Identity: Middle Eastern and**

    **Asian Immigrants and the Struggle for Ethnicity in**

    **Brazil**

    By Jeffrey Lesser [↑](#footnote-ref-36)
37. Socioeconomic Attainments of Japanese Brazilians and Japanese Americans Alexandre Gori Maia1 , Arthur Sakamoto2 , and Sharron Xuanren Wang2 [↑](#footnote-ref-37)